

## **CARTOGRAFIAS NORDESTINAS À LUZ DA GALILEIA: UMA LEITURA AO REVÉS.**

Isabelly Cristiany Chaves LIMA (PPGLI/ UEPB)

Julyanna de Sousa BARBOSA (PPGLI/ UEPB)

“Faça mapas, nunca fotos nem desenhos”.  
(Deleuze e Guattari)

**RESUMO** O presente trabalho é fruto das pesquisas realizadas na disciplina curricular *Dialogismo e filosofia do intercultural*, do Mestrado em Literatura Interculturalidade, e da leitura do texto literário moderno/ pós-moderno, de Ronaldo Correia de Brito (2008), *Galileia*. Para isso, partimos dos pressupostos teóricos de Deleuze e Guattari (1995) que propõem o quinto princípio da cartografia como um mapa que é aberto, desmontável e passível de receber modificações constantemente; com Albuquerque Junior (2006; 2007) atentaremos para uma nova construção imagético-discursiva do Nordeste como espaço que abriga simultaneamente o ancestral e o moderno e com Bakhtin (2008) analisaremos o ser como diálogo e tensão com o outro. Com isso, objetivamos mostrar como o espaço do Nordeste torna-se importante para a formação e a transformação do indivíduo como Ser que se move e se abre para descobrir os vários significados que o caos mundo oferece. Tudo isso, em uma busca onde não existe palavra final, mas apenas as transformações e reformações dos sujeitos da modernidade/ pós-modernidade. Assim, a partir do romance, percorremos um caminho ao revés, ou seja, não atentamos para o Nordeste através de figuras pré-concebidas, por teóricos e críticos, mas praticamos a cartografia, uma vez que o romance nos possibilita um retorno para a temática com um novo olhar acerca do Ser, sendo e se movendo.

A literatura nordestina sempre apresentou temas e figuras que de tanto se repetirem substantivou o espaço. O lugar imagético-discursivo de possível leitura pelas temáticas, principalmente, do coronelismo, da seca, do cangaço e do messianismo – predicadores indispensáveis na dizibilidade e na visibilidade do território (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007) – passou a ser sinônimo de mesmice e, conseqüentemente, de fechamento do Ser e do seu devir.

Com um olhar unidirecional para o território, conseguimos apenas visualizar os valores institucionalizados, pré-estabelecidos, anti-modernos e até arcaicos como bons sedutores de

teóricos na composição de suas tramas discursivas. O historiador Albuquerque Junior, exceção desses teóricos, em seu detalhado estudo sobre o Nordeste, nos mostra isso.

Nordeste que terá seu texto e sua imagem articulados em torno de quatro temáticas, fundamentais para entendermos também muitos dos estereótipos e preconceitos de que são vítimas os nordestinos: a seca, o coronelismo, o cangaço e o *messianismo ou o fanatismo religioso*. [...] (são) elementos que compõem o que se convencionou ser paisagem nordestina, construída pelas narrativas literárias, com suas ilustrações, pela pintura ou pelo cinema de temática nordestina. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 106-107, *grifo nosso*).

Assim, o nosso Nordeste, fundado das ruínas do Norte e do Sul e marcado pelo saudosismo, ficou gravado pelas primeiras fotografias as quais se convencionaram com a nomenclatura fixa de os flagelos nordestinos, “estando em ‘permanente’ descompasso com os avatares da modernidade ocidental” (LIMA, 2011). No entanto, ao penetrarmos o território Nordestino ao revés, abandonando as fotos, os desenhos e as pinturas a fim de cartografar, encontraremos pontos de fugas, faremos linhas e esqueceremos o ponto. Ponto final. Apenas cartografar: “buscar restituir as multiplicidades e as intensidades com as quais os fenômenos funcionam, nunca isoladamente”. (JUSTINO, 2011, p. 3)

Vejam os que Deleuze e Guattari falam sobre o quinto princípio da cartografia, em seus platôs:

O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Um mapa tem múltiplas entradas contrariamente ao decalque que volta sempre ‘ao mesmo’. Um mapa é uma questão de performance, enquanto que o decalque remete sempre a uma presumida ‘competência’. (DELEUZE E GUATTARI, p.17)

Sendo assim, ao voltarmos às vias nordestinas, não desejamos realizar um mero retorno, mas percorrer um caminho que tem em suas estradas uma dinâmica que se abre para o novo, o diferente, o ancestral que dialoga com a modernidade/ pós-modernidade. É a conexão que só o mapa permite e o decalque não permite perceber.

Pelas retinas literárias de escritores considerados regionalistas, como um Ariano Suassuna, um José Lins do Rego, um Graciliano Ramos ou um Ronaldo Correia de Brito, observamos, na verdade, o lócus nordestino trazendo seu arsenal discursivo, através de aspectos relativo à cultura, à geografia, à religião. Sabemos que a paisagem nordestina é criação narrativa e, como tal foi institucionalizada ou pelo governo, ou pela população, com o intuito de oferecer unidade ao caos.

Entretanto, a peculiaridade e as narrativas criadas para o Nordeste não impediu que escritores literários infligissem a lei institucionalizada, não impedindo que eles vissem a dinamicidade do lugar, o sertão, ser-tão e o ser-tao sendo e se movendo, pois o céu e a terra passam e as palavras mudam.

Não queremos dizer, com isso, que os escritores não empregam o arsenal figurativo do Nordeste, mas queremos mostrar que eles, ao tecerem o lugar, utilizam-se de personagens em movência que, em consequencia, transformará o espaço de coisa de somente da terra para coisa da Terra – planeta. Tudo faz parte da Terra, da totalidade do mundo. E os poetas não têm medo da imprevisibilidade, diria Glissant.

Dessa forma, podemos averiguar que os poetas (isto é: seus textos), até os considerados tradicionais e meramente regionalistas, rejeitam as personagens e a região territorializada no Uno, no somente dado e no nunca indivisível. Com um olhar desvelador, encontramos a desterritorialização e a reterritorialização do Ser-único sendo e se movendo em suas heterogeneidades, estranhamentos, multiplicidade de focos, luzes que refletem a descontinuidade do mundo-da-vida.

Porém, ainda não é como espaço-volitivo, espaço-heterogêneo e espaço-mundo que a crítica olha o Nordeste. É assim que os literatos veem o Nordeste, ou é assim que um crítico que não segue a ideologias pré-determinadas e deterministas vê o Nordeste. Glissant em seu estudo da poética da diversidade verifica:

Há uma diferença entre a criação, isto é, as obras artísticas [...]. Mas penso que é nas obras literárias, e não nas tentativas teóricas, que a abordagem da totalidade-mundo desenha-se primeiramente. Mas, quanto a mim, não vejo essa contradição. Não penso que esses escritores estejam em busca de 'raiz única'.

Fazendo isso, seguimos a via intelectual pela contramão. As personagens nordestinas, pela nossa ótica à luz dos escritores literários, não têm as ações pré-destinadas, 'raiz única', elas têm o livre arbítrio, têm mapas, bússola e pontos de fuga, para concordar, discordar, interrogar, provocar. Na literatura, por exemplo, que "representa 'a vida em auto-desenvolvimento' e a 'recria'" (BAKHTIN, 321), podemos perceber o sertão como extensão do mundo, presente em todos os lugares: está "... na minha frente, nos lados, atrás de mim" (BRITO, 2008, p. 8). Extensão cosmopolita. O primo Ismael diz:

A Noruega é um sertão a menos trinta graus. As pessoas de lá são silenciosas, hospitaleiras e falam manso. Habitaram-se aos desertos de gelo como nós à caatinga. A comparação parece sem sentido. Mas eles também olham as extensões geladas, como olhamos as pedras. A nossa pele é marcada pelo sol extremo, a deles pelo frio. *Acho que as pessoas são as mesmas em qualquer latitude.* (BRITO, 2008, p. 73, *grifo nosso*).

Isto é: o sertão está em todas as latitudes, não tem endereço certo, está na minha frente, nos lados, atrás de mim" (BRITO, 2008, p. 8). Acompanha os personagens quando estão em Nova York, na Noruega ou no Recife. Tudo isso porque "O Sertão a gente traz nos olhos, no sangue, nos cromossomos. É uma doença sem cura." É pertencer a "... todos os recantos e a nenhum" (BRITO, 2008, p. 19, 23). Aqui merece um ponto continuativo. A totalidade-mundo insinuou-se através da fala de Ismael.

Porém, nem estudiosos mais antigos nem os mais atuais e consagrados mudaram muito os seus discursos ao tratarem a temática regionalista. Sodré, por exemplo, estudioso mais antigo, fala do Nordeste como sinônimo de retrocesso e diz como se configura a predominância desse interior, chamado Nordeste: "no interior predominava, *de forma absoluta*, o Brasil colonial, atrasado, esquecido e distanciado do progresso, entravado pelas condições da propriedade" (SODRÉ, 1976, p. 497, *grifo nosso*).

Sodré nos mostra o lugar nordestino como espaço absolutamente fechado que não se abre para a ordem e o progresso, vivendo de repetições, muitas vezes do período colonial. Sodré (1976) continua sua exposição dizendo haver os escritores capazes de conseguir superar o status daquilo que "o regionalismo tinha de meramente superficial". Quando eles atingem tal nível, chega-se ao parâmetro de "expressão nacional". Com isso nos

perguntamos: o regional não faz parte do nacional? Existe o todo sem a parte? Ou a parte sem o todo? Dúvidas barrocas.

Para responder tais dúvidas nos baseamos nas leituras bakhtinianas e chegamos a seguinte resposta equacional: EU + OUTRO = SER, ou seja, a personagem nordestina e o espaço do qual ela faz parte não tem como escapar do Outro, das alteridades que o constitui. Não temos uma consciência superior chamada de Nacional. Já cansamos do processo dicotômico de colonizador *versus* colonizado. Temos rizoma, eventicidade e dialogismo. “... histórias [...] cruzadas” (BRITO, 2008, p. 26). Mapas. Deleuze e Guattari completam: “Não devemos mais acreditar em árvores, em raízes ou radículas, já sofremos muito”. Devemos praticar a “Lei do homem. Lei do antropófago”, diz Oswald de Andrade.

Assim, toda vez que o artista bebe da realidade ou come da vida em movimento, como em um ritual antropofágico, apresentamos uma recriação única, múltipla e dialógica.

Natureza dialógica da consciência, natureza dialógica da própria vida humana. A única forma adequada de *expressão verbal* da autêntica vida do homem é o *diálogo inconcluso*. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e como toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, p. 329).

Não entanto, já vimo e repetimos, não é como amálgama de si e do outro, relação e movência, simpósio universal que os estudiosos da literatura observam o espaço nordestino. Nem pesquisadores mais contemporâneos como Antonio Candido, crítico re-visitado e consagrado do estudo da obra literária, muda muito o seu discurso acerca do *topos* nordestino. No livro *Formação da Literatura brasileira*, Candido faz um percurso do fenômeno regional do Brasil e traz suas contribuições sobre o movimento regionalista.

Tecendo comentários sobre o surgimento do romance brasileiro, nosso crítico alega que “... o nosso romance tem fome de espaço e uma ânsia topográfica de apalpar todo o país [...]. Assim, o que se vai formando e permanecendo na imaginação do leitor é um Brasil colorido e multiforme, que a criação artística sobrepõe à realidade geográfica e social” (CANDIDO, 433).

Sendo assim, segundo a proposição, o povo brasileiro tem um pendor para a pintura, *coloração*, de imagens que se sobrepõem a nossa realidade. Vale salientar que nessa

afirmação o crítico se refere ao Romantismo brasileiro que tentava delinear sua identidade, voltando-se para as raízes, para o interior. Antonio Candido (2007, p. 528) continua o seu passeio sobre a literatura e comenta sobre a literatura sertaneja: “Não é à toa que a ‘literatura sertaneja’ (bem versada apesar de tudo por aqueles mestres), deu lugar à pior sublitteratura que há notícia em nossa história, invadindo a sensibilidade do leitor mediano como uma praga nefasta, hoje revigorada pelo rádio.”

Um leitor que se denomina bem informado pode nos alegar que a afirmação de sublitteratura, acima, é relativa a obras como *O sertanejo*, *O garimpeiro*, *Inocência* ou *Lourenço* – obras carentes de “pesquisas psicológicas” (2007, p. 529), diz o estudioso – e que as novas experiências regionais fogem à regra. São as amadas exceções de que tanto a nossa língua se apraz.

Todavia, se continuarmos nas vias de Candido, observaremos, que os bons mestres de 1930, auge da chamada Literatura regional e estética do compromisso, apenas conseguiu abandonar o encanto pitoresco ou o cavalheirismo ornamental. Tudo isso, porque o desejo de re-afirmar o Brasil como um novo país fez com que os poetas continuassem preservando a má genealogia do Romantismo, com uma literatice cheia de propósitos.

E continuamos com uma literatura atrofiada, dizem (cf. as notas de aula de Antonio Carlos). Mas será que não podemos encontrar até mesmo no tradicional subversões? Nos subterrâneos ou nos recônditos das obras?

Já vimos que a obra apresenta a vida em auto-desenvolvimento e um dos consensos entre estudiosos da arte é que ela não reforça simplesmente o que já sabemos, ela amplia o nosso conhecimento e nos permite ver o Ser e o lugar sendo. Portanto, se consideramos o Ser realmente na perspectiva deuleziana e bakhtiniana entenderemos que ele é evento e como tal pratica um ato histórico singular, até mesmo nas obras “tradicionais”. É o diálogo com o tradicional que acarreta o diálogo com o devir.

Dessa forma, a trave regional-local/ regional-nacional/ regional-cosmopolita, que pouco tem a acrescentar ao mundo caos da vida, deve ser tirada dos olhos dos teóricos e críticos literários, pois o ser-tão suscita a vida preche de sentido, a cartografia, o emaranhamento, o diálogo, o corpo sem órgão, o caos e o Ser único real em movimento, sendo e dialogando. E Diálogo é confronto, acordo, concerto de vozes. Portanto, o Ser dialoga com o mundo. Dialoga com o tradicional. Dialoga com o devir.

Albuquerque Junior, nesse sentido, averigua que o desenho feito pelas elites agrárias do Nordeste como espaço preso ao passado, reativo a mudanças e de uma cultura atrelada à memória – memória longa, vale salientar – perdeu o lugar eminente no estudo desse território.

O Nordeste é hoje um espaço diversificado do ponto de vista econômico, diverso do ponto de vista político, social e cultural, uma realidade complexa que não pode ser explicada lançando mão destes desgastados estereótipos construídos desde o princípio do século passado. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 123-124).

Com essa afirmação, em contraponto a de Candido ou a de Sodré, percebemos que os estereótipos do Ser como sido não é capaz de abranger a diversidade da qual a literatura lança mão para compor seus lugares e suas personagens. Temos o velho, nos recônditos, fazendo simbiose com o novo em trocas recíprocas. É a diversidade da qual apontou Albuquerque Junior, Deleuze, Bakhtin. A diversidade vista pela poética. Ela que obrigou e obriga os intelectuais a reverem os seus pressupostos, a descobrir o duplo de mim que habita as escrituras literárias.

Por isso, podemos declarar que o Nordeste não obedece a modelos pré-definidos. É mapa e como tal é aberto, desmontável, capaz de receber transformações constantes. Glissant (p. 163) acrescenta, constatando que “a verdadeira regionalização não deve depender de um centro, nem constituir-se como centro. Ela deve ser uma poética da comunhão no Todo-o-mundo”

Com isso, os actantes nordestinos, não mais se localizam como enunciados presos somente à tradição. São reacionários. Participam das transformações que passam os sujeitos da pós-modernidade/ modernidade. O lugar passa a ser lócus de escrituras transitivas, de re-criações inventivas, de misturas que impulsionam o Ser contemporâneo: rizomático, global, dobradiço de movência social, cultural, política.

E o Nordeste do início do século XXI não suprime nem substitui os nordestes dos séculos passados. É traço, diálogo, bricolagem e rede extralinguística/ extratextual. É um conglomerado de matérias estranhas e, a priori, incompatíveis. Porém, rizomáticas que não têm começo nem fim, apenas meio e é por esse meio que elas operam e extravasam. Então, peguemos a bússola e o mapa, pois ainda a última palavra sobre o Nordeste não foi dita. Inconclusão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 3. ed. Recife: FJN, Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. O preconceito contra o nordestino. In: \_\_\_\_\_. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar**. São Paulo: Cortez, 2007 (p. 89-129).

ANDRADE, Oswald de. **Manifesto antropofágico**: [www.lumiart.com/luardeoutono/oswald/manifantropof.html](http://www.lumiart.com/luardeoutono/oswald/manifantropof.html) (Acessado em 22/ 07/ 2011).

BRITO, Ronaldo Correia de. **Galileia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

BAKHTIN, Mikail. **Problemas da poética de Dostoievski**. BEZERRA, Paulo. (trad.). 4. ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2008. p. 1-7; 207-263; 318-341.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: rizoma. In: **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, v. 1, p. 11-111.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da Diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

JUSTINO, Luciano. **Sobre para uma filosofia do ato de Makail Bakhtin, o dialogismo e a filosofia do intercultural**. 2011. (material exclusivo de sala de aula).

LIMA, Elizabeth Chistina de Andrade. **O lugar dos coronéis na política e cenas contemporâneas**. In: VII Colóquio nacional representações de gênero e sexualidade. Campina Grande: Realize editora, 2011. (Anais)

MAGALHÃES, Antonio. **Dialogismo e filosofia do intercultural. Reflexões sobre textos de Deleuze (Guattari)**. 2011. (material exclusivo de sala de aula).

\_\_\_\_\_. **A hora e vez de Augusto Matraga. Anotações sobre o Brasil marginal, os devires e o dialogismo**. 2011. (material exclusivo de sala de aula).

SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.



SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1976.